

O POTENCIAL DOS DIÁRIOS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DAS PRODUÇÕES DE ANNA JOAQUINA E HELENA MORLEY

THE POTENTIAL OF DIARIES IN THE HISTORY OF EDUCATION: A STUDY FROM THE PRODUCTIONS OF ANNA JOAQUINA AND HELENA MORLEY

Danielly Cardoso da Silva 1
Jaquelline Moura 2

Resumo: O presente artigo, de revisão bibliográfica, tem como objetivo problematizar o uso de diários literários como fonte para a historiografia da educação brasileira. Foram analisadas as obras *Memorial de Lembrança*, de Anna Joaquina Marques, e *Minha vida de menina*, de Helena Morley, ambas escritas no final do século XIX. Para isso, buscou-se a relação entre literatura, história e história da educação, tendo como fundamentação teórica os estudos de Certeau (1982), Burke (2011), Nóvoa (1996), Lopes (1998), dentre outros. Um ponto divergente entre os dois diários analisados é que o primeiro se encontra em seu estado original, enquanto o segundo possui diversas publicações, podendo ser considerado um clássico nacional. Constatou-se que os diários são fontes que permitem ampliar o acervo historiográfico, pois preservam a memória dos sujeitos e refletem sobre os espaços de educação, costumes, tradições, bem como abordam temas e pontos de vista de grupos invisibilizados na história.

Palavras-chave: Diário. Fonte. História da Educação. Escrita Feminina. Século XIX.

Abstract: This present article, the bibliography review, aims to problematize the use of literary diaries as a source for the historiography of Brazilian education. The works *Memorial de Lembrança*, by Anna Joaquina Marques and *Minha Vida de Menina*, by Helena Morley, both written at the end of the 19th century, were analyzed. To this end, the relationship between literature, history and history of education based on the studies of Certeau (1982), Foucault (1976), Nóvoa (1996), Lopes (1998), among others, were sought. A divergent point between the two analyzed diaries is that the first is in its original state, meanwhile the second has several publications, and can be considered a national classic. It was found that diaries are sources that allow expanding the historiographical collection, which preserve the memory of the subjects, reflecting on the spaces of education, customs, traditions, as well as addressing themes and points of view of groups made invisible in history.

Keywords: Diaries. Source. History of Education. Feminine Writing. Century XIX.

- 1 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFG, linha Estado Políticas e História da Educação. Mestre em Educação (PPGE/FE/UFG). Pedagoga pela Universidade Federal de Goiás (2012), Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade da Academia Brasileira de Educação e Cultura (2014). Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Goiás, lotada no Centro de Pesquisa e Ensino Aplicada à Educação - CEPAE/ UFG. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação da UFG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1461034517208219>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2401-1025>. E-mail: danielly_cardoso@ufg.br
- 2 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás (PPGE-FE/UFG). Graduada em Pedagogia (UFG). Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Monte Pascoal. Especialista em Políticas Educacionais, Gestão Escolar e Trabalho Docente pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Educação Especial com Ênfase no Atendimento Educacional Especializado (AEE) pelo Instituto Wallon Educacional. É professora na Prefeitura Municipal de Senador Canedo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2208069003241685>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6812-8180>. E-mail: jaquelline.moura@hotmail.com

Introdução

O presente artigo tem por objetivo problematizar o uso dos diários como fonte para a historiografia da educação brasileira. Diante da especificidade humana de analisar o passado como estratégia de compreensão de si e de seu grupo social, observamos que elementos presentes nesse tipo de fonte possibilitam vislumbrar o passado. Para ratificar essa assertiva, recorreremos ao relato de duas mulheres a partir dos registros intitulados *Memorial de Lembrança*, de Anna Joaquina Marques (Marques, 1881), e *Minha vida de menina* (Morley, 2016), conhecido como o diário de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant.

Para alcançar o objetivo explicitado, organizamos este texto em três partes: na primeira, discutimos o uso da literatura na pesquisa histórica, com ênfase na educação. Em seguida, destacamos o diário como gênero literário e fonte de investigação. Cabe mencionar que os textos selecionados para este estudo se apresentam em dois suportes distintos: um diário em formato original e o outro publicado em forma de livro. Na terceira parte, problematizamos os elementos de diferenciação e de aproximação encontrados nas fontes escolhidas. Procuramos evidenciar como esse tipo de texto pode contribuir para a construção de uma historiografia da educação brasileira, sob a perspectiva dos relatos femininos. Por fim, encerramos nossa investigação com algumas considerações alcançadas a partir dos movimentos de leitura e de confrontos dos diários analisados.

História, literatura e história da educação

Ao longo do tempo, a humanidade buscou diferentes formas de registrar sua existência, de socializar suas experiências que se transformaram de acordo com as mudanças de contexto social, cultural, espacial e econômico. Para Certeau (1982), a compreensão da prática cotidiana, historicizada nas fontes do passado, não é algo alcançável de forma palpável. Ela requer instrumentos para acessar os registros. Eis o papel das fontes: possibilitar o contato com os elementos que compõem determinados contextos em seu respectivo tempo, cultura, organização social e econômica.

O processo para compreender o passado é dinâmico e descontínuo, pois, conforme salientou Foucault (1976, p. 59), a história é viva. Ela “não é estrutura, mas devir; que não é simultaneidade, mas esforço constante de uma consciência que se recupera a si própria e que tenta apreender-se até o mais profundo das suas condições”. Logo, olhar para a história implica compreendê-la enquanto descontinuidade, sem perder de vista as mudanças que se destacaram no decorrer do tempo.

São muitas as possibilidades de acessar o passado por meio das fontes. Dentre as quais, destacamos os documentos oficiais, como as leis, os decretos, atos e outros. A esse respeito, Nóvoa (1996) chamou atenção para a ampliação das fontes a partir da influência da Escola dos Annales que apontou para um novo paradigma da história com novos problemas, novas abordagens e novos objetos. Quanto à história da educação, o referido autor destacou avanços significativos nessa área, incorporando fontes como diários, cadernos, fotografias, livros, etc.

Ao analisar uma fonte, é preciso considerar a origem, o contexto e as relações com os códigos culturais manipulados por quem a acessa. As produções materiais do mundo se constroem culturalmente e historicamente. Isso significa que, de acordo com Burke (2011), as memórias oficiais e não-oficiais podem apresentar diferenças. Daí a importância da ampliação das fontes, pois existem aspectos da história que não são revelados na documentação oficial. Em muitos casos, esse tipo consagrado de fonte não é suficiente para acessar determinados aspectos do cotidiano.

Para Chartier (1991), toda reflexão metodológica apresenta, em sua gênese, uma prática histórica particular e específica. Nesse sentido, cabe a quem pesquisa direcionar sua percepção histórica a partir do estudo crítico dos textos. Para o autor, a história dos livros e a análise das práticas de leitura são materiais que permitem apreender bens simbólicos com significações diferenciadas. Dessa forma, a literatura enquanto fonte histórica pode revelar como os elementos do real se apresentam na ficção. A literatura é a arte, segundo Lajolo (2001), capaz de extrair do imaginário coletivo, conceitos, vozes e modos de ser da humanidade, visibilizando discursos historicamente sufocados, rompendo com conceitos consolidados ao longo do tempo.

De acordo com Lopes (1998), a literatura possibilita observar o efeito privado em acontecimentos públicos. Nessa perspectiva, ela amplia o acesso às formas e aos espaços de educar

sob outras perspectivas. Acerca dessa questão, ao analisar o Auto *Farsa de Inês Pereira*, a autora fez algumas observações relevantes no que diz respeito ao cotidiano de uma moça do século XVI, tais como: o habitual trabalho doméstico, a relação de submissão, as práticas religiosas, os desgostos, dentre outros. Esses aspectos, conforme Lopes (1998, p. 38), podem ser facilmente confrontados com outras fontes e

servir ao estudo de mentalidades e enquanto tal, ao estudo das relações de família, da situação da mulher de classe popular, costumes em relação a casamento, etc. e insinua-se ainda e de maneira, a meu ver, destacada, a possibilidade de um estudo sobre educação.

Dito isso, é possível afirmar que, para os pesquisadores(as) da história educação, a literatura possibilita levantar hipóteses e refletir sobre os mais diversos contextos históricos. Ao se considerar a literatura como fonte, é preciso compreender que há uma diversidade de materiais disponíveis para análise: romance, poemas, narrativas memorialísticas, contos e tantos outros.

Diante dessa diversidade, este texto se concentra em um elemento literário, a fim de compreender quais as possibilidades e os desafios que esse tipo de fonte pode trazer para o âmbito da história, sobretudo, nas questões relacionadas à educação. É nesse sentido que o presente estudo busca articular e interpretar os diários de Anna Joaquina e de Helena Morley, compreendendo que suas narrativas, além dos relatos do cotidiano, dão visibilidade à escrita feminina, outrora restrita aos homens.

Diário na história da educação: anotações de preservação da memória

Segundo Artières (1988), o diário é um instrumento de preservação da memória, no qual quem o escreve de forma seletiva, relata acontecimentos, guarda pequenos registros como anotações, folhetos, desenhos, rabiscos e outras marcações. É uma ferramenta cuja intencionalidade, muitas vezes, pode ter, ou não, um objetivo específico, ou ainda apresentar uma finalidade contraditória. Quem escreve um diário determina que acontecimentos serão registrados ou omitidos, podendo acrescentar registros na medida em que relê suas anotações.

Essa fonte guarda em si um potencial histórico. Isso porque, segundo pontuou Artières (1988, p. 11), “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor a imagem social à imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Quem escreve, guarda elementos, omite outros, conforme o sentido que busca dar à própria vida, como um ato de manipulação da memória.

O diário é um instrumento comumente utilizado no âmbito da história social. De acordo com Gouvea (2019), é uma fonte que dá visibilidade a ações cotidianas de sujeitos comuns, indicando aspectos da cultura, do comportamento, marcadores de gênero e classe social. A mesma autora destacou que essa fonte permite acessar aspectos históricos da juventude, tendo em vista que é uma escrita presente na transição da infância para a vida adulta. Nesse ponto, Gouvea (2019) evidenciou o papel fundamental da escola como espaço de incentivo aos estudantes, ao registro de seus pensamentos e experiências, fazendo do diário uma estratégia de letramento e, conseqüentemente, um elemento para acessar também a história da educação.

Por se tratar de uma fonte, de uma construção narrativa, um testemunho do cotidiano, os diários podem ser utilizados em pesquisas para compreender situações e contextos do passado. Um exemplo dessa forma de ler uma realidade histórica foi apontado por Lajolo (2001) ao analisar o livro *Cuore*, de Edmond de Amicis. A narrativa, em forma de diário, traz o relato das experiências escolares de um menino italiano. Esse livro é uma fonte literária da Itália, usado como instrumento político de exaltação do Estado e da unificação italiana. Outro registro divulgado é *O Diário de Anne Frank*, traduzido e publicado mundialmente em formato de livro, que relata as experiências vividas pela autora e sua família judia, durante a segunda guerra mundial. O livro é uma espécie de testemunho da luta dos judeus contra a perseguição nazista, conforme pontuou Lajolo (2001, p. 333, grifo nosso):

Tem-se, neste caso, **um diário** que perde os traços de clandestinidade que tanto comove no texto de Anne Frank, mas que ganha os traços da eficiência com que a pós-modernidade **produz, divulga e premia testemunhos**, para os quais extinção de etnias, pobreza, guerra e similares desgraças são apenas um entre vários componentes envolvidos nas histórias que os livros contam.

Conforme o exposto, o diário é uma literatura de testemunho que premia os relatos produzidos na categoria do memorável. Apresenta uma dimensão narrativa, uma construção literária potente em vários aspectos. Segundo Seligmann-Silva (2003, p. 56, grifo nosso), “a arte da **memória**, assim como a literatura de **testemunho**, é uma arte da **leitura de cicatrizes**”. Assim o é porque, além da narrativa dos fatos violentos, essa arte conta também a resistência acerca do ocorrido e tenta apresentar limites àquilo que não foi submetido a uma determinada *forma*. Essa ideia tem feito pesquisadores (as) pensarem a relação entre literatura e realidade. Para Seligmann-Silva (2003, p. 47):

O conceito de **testemunho** desloca o “real” para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de **excepcional** e que exige um **relato**. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento **singular** do “real”.

Esse real, fixado pelo relato, eleva-se à categoria do memorável, daquilo que merece ser lembrado. Trata-se de um testemunho único. Tal registro emerge dos acontecimentos como uma força abrasiva que rompe a inércia no cotidiano e invade o domínio da história, na medida em que, conforme Braudel (1995, p. 16), “onipresente, invasora, repetitiva, esta vida material, corre sob o signo da rotina”. O que torna algo memorável, segundo Burke (2011), é sua capacidade de subsistir ao desgaste do tempo. Assim, o testemunho que se faz presente no diário evoca do passado algo que aconteceu no cotidiano e foi escolhido como um elemento a ser lembrado.

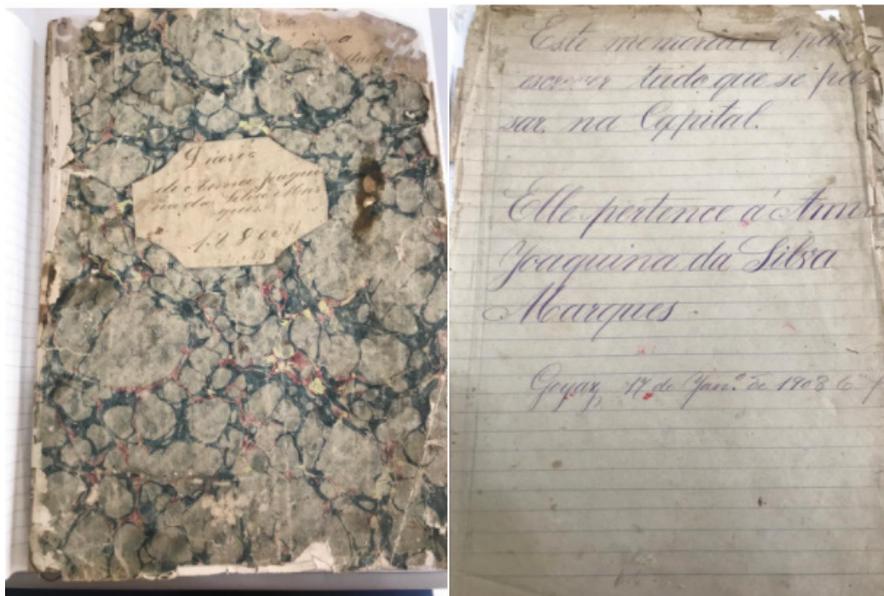
Para problematizar a relação dessa fonte com a história da educação, optamos por observar e comparar os elementos da narrativa presentes nos diários de Anna Joaquina e de Helena Morley. Essas duas jovens mulheres brasileiras viveram em espaços geográficos diferentes e em um contexto histórico próximo ao final do século XIX e início do século XX. O primeiro diário se encontra em estado original, disponível para acesso em arquivo. O segundo foi editado e publicado em forma de livro, amplamente utilizado em escolas como sugestão de leitura. Vejamos como essas fontes se apresentam e dialogam com a história da educação de mulheres.

Memorial de Lembrança: o diário goiano de Anna Joaquina

O diário de Anna Joaquina da Silva Marques é um documento manuscrito, intitulado *Memorial de Lembrança* (Marques, 1881), escrito no período de 1881 a 1930 na Cidade de Goiás, à época capital do estado de Goiás. Esse documento está disponível no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central – IPEHBC, na sede da Sociedade Goiana de Cultura da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Esse diário, que se encontra em sua forma original, manuscrita, ainda não publicado, já foi objeto de investigação de monografias, teses e dissertações.

De acordo com Carvalho (2008), o *Memorial* foi doado pela irmã de Anna Joaquina à família de Cônego Trindade. Posteriormente, esse documento ficou sob a responsabilidade do IPEHBC, quando a biblioteca particular do religioso passou a integrar o acervo desse Instituto. O diário narra, de forma detalhada, acontecimentos cotidianos da autora, sua relação com familiares e as principais ocorrências em sua cidade a partir do seu ponto de vista. Segundo Reis (2013) e Carvalho (2008), os registros de Anna Joaquina permitem perceber aspectos sociais e culturais vivenciados pela autora em seu contexto histórico. Além das escritas presentes no diário, como anotações diversas, estão inseridos folhetos, listas e outras particularidades.

Figura 1. Diário de Anna Joaquina



Fonte: Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central – IPEHBC (Foto: Silva, 2021).

De acordo com a pesquisa de Reis (2013), Anna Joaquina iniciou os registros do diário quando tinha aproximadamente vinte e seis anos, encerrando sua escrita por volta dos setenta e cinco. Era filha de Dona Luiza Joaquina da Silva e do padre Pio Joaquim Marques, irmã de Luisa Joaquina de Souza Marques, conhecida também como Mestra Lili. Anna Joaquina nasceu no dia 29 de julho de 1855 e faleceu em julho de 1932, vítima de acidente de carro. Reis (2013, p. 15, grifo nosso) descreve o conjunto de registros de Anna Joaquina da seguinte forma:

Nos registros que deixou para traz (sic), **os acontecimentos em torno de sua família e de sua comunidade têm lugar central**, sendo eles entrecortados pelos principais eventos da cidade e, inclusive, do país, segundo a sua perspectiva. Seu tom é **noticioso, resumido, objetivo**; todavia, vai adquirindo certa fluidez conforme ela se torna mais experiente em sua prática. O período de produção escritural é considerável e, assim sendo, não deixa de revelar que, paralela à transposição do século, à mudança do tempo e, por conseguinte, da idade, suas escolhas e preferências também se alteraram.

Percebe-se que os registros do diário são objetivos, narram atividades cotidianas, encontros, eventos sociais, acontecimentos da cidade como nascimentos e óbitos. Outro relato frequente, é sobre as amigas, como a constante relação com Mariquinha e Nhola, que estavam sempre próximas a Lili e Anna. Reis (2013) apontou trechos que evidenciam o relacionamento da família de Anna Joaquina com personalidades tradicionais da elite goiana, incluindo a família coronelista Caiado, que esteve à frente do governo do estado por muitos anos, mantendo um poder conhecido na história de Goiás.

Outra característica dos registros é a fidelidade cronológica e litúrgica dos fatos vivenciados pela autora. Os relatos da vida cotidiana, familiar de Anna Joaquina são entrecortados por sua rotina religiosa, como frequentar missas e demais eventos da igreja. Um fato destacado por Reis (2013) e que vale o apontamento, diz respeito aos aspectos econômicos do contexto em questão, sobretudo, no que se refere aos custos para manter o diário. No período, o papel era um item caro. Por esse motivo, Anna Joaquina apresentou reclamações acerca dos altos custos desse material no mercado da Cidade de Goiás, anotando a exclamação de “horror!”.

Manuseando o diário, é possível perceber que a autora aproveitava papéis de diferentes ordens. Anna não tinha o hábito de desperdiçar material e, segundo Reis (2013), ela utilizava todos

os pedaços de papel que achasse pela frente. Talvez os diversos manuscritos avulsos junto aos volumes, como folhetos, bilhetes, apontamentos e outros, justifiquem tal costume. No entanto, em algumas ocasiões, há dúvidas se esses registros seriam realmente de Anna Joaquina ou, quiçá, de alguém próximo, apontando a complexidade desse material como fonte escrita por uma única pessoa.

As atividades sociais registradas no diário dizem respeito aos usos e costumes do período histórico. Indicações de casamentos, de óbitos, de visitas apontam para os protocolos sociais que deveriam ser seguidos rigidamente, sob risco de ser considerado uma falta de educação, conforme apontou Reis (2013, p. 83, grifo nosso):

Tratamos aqui de uma sociedade de “idas e vindas”, na qual **as relações respeitavam uma espécie de protocolo social** em que é bem-vindo visitar, bem como receber o “pagamento” da visita; ir embora, não sem antes se despedir; saber de um casamento e em seguida visitar a casa dos noivos a fim de parabenizá-los pela união, ficando a estes a atribuição de retribuir a visita com outra, só que de agradecimento. Enfim, a boa e respeitosa convivência fazia-se mediante uma via de mão dupla e Anna Joaquina e Annica¹ a praticaram durante longo período.

Tratam-se de costumes intrínsecos ao cotidiano daquele tempo, que tinham por objetivo conservar um bom relacionamento com membros da família ou com figuras sociais. Para Carvalho (2008), os registros de Anna Joaquina apontam para prática religiosa na Cidade de Goiás. No contexto abordado pela fonte, suas experiências em torno da devoção do rosário/terço enquanto espectadora, assim como a participação em procissões e outros, indicam vestígios da prática devocional que não estava restrita a Anna e sua família. A Cidade de Goiás foi e ainda é um espaço cristão. Segundo o mesmo autor (p. 52), o diário de Anna Joaquina é considerado um relato de testemunho e não uma autobiografia tendo em vista que:

Não há como classificar o Memorial de Anna Joaquina Marques como uma autobiografia. **A autora não enfatizou sua personalidade** em detrimento dos fatos “acontecidos”, registrados em seus cadernos. Mesmo quando faz referência a si, registros numericamente superiores a qualquer outro, isto ocorre em consequência de seu caráter de testemunha dos fatos e não de uma intenção deliberada de enfatizar a sua experiência em detrimento do que escreve.

Os registros parecem dizer mais de seu grupo social do que de si mesma. Aprofundar essa discussão carece de mais tempo e investigação para compreensão de outras particularidades dessa escrita. Por enquanto, fica essa possível problematização apontada por Carvalho (2008). As notícias evidenciadas pela autora são objetivas e, conforme Reis (2013), os fatos giram em torno da família e de amizades próximas. Uma rotina intensa de práticas de fé, de visitas e de convivência familiar e social.

O diferencial dessa fonte é seu caráter original. O *Memorial* não foi publicado, encontra-se manuscrito, disponível a qualquer pessoa que queira acessá-lo sem interferências de edição. Essa vantagem também representa um risco, dado que o material não foi digitalizado. O papel apresenta desgastes relativos à ação do tempo e de agentes naturais, sendo frágil para manipulação, o que coloca em risco a durabilidade dessa fonte.

Minha vida de menina: o diário mineiro de Helena Morley

O diário de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, publicado sob o título: *Minha vida de menina*, foi escrito entre 1893 e 1895, quando a autora tinha treze (13) anos

1 Annica Costinha, ver mais em Reis (2003, p. 83).

de idade e foi lançado em diferentes edições². A autora registrou na nota da primeira edição o conteúdo do diário: episódios da vida numa cidade do interior, experiências sociais da infância com a família e as amizades próximas na cidade de Diamantina, interior de Minas Gerais.

Diferente do *Memorial* de Anna Joaquina, escrito quando ela tinha por volta de vinte e seis anos, Helena Morley trouxe as vivências do tempo de transição da infância para a vida adulta, quando ela tinha mais ou menos treze anos. A publicação do diário, no entanto, só veio após quarenta e nove anos de sua escrita, conforme exposto por Gouvea (2019). As fontes originais foram editadas em formato de livro, numa linguagem acessível. Elas têm sido objeto de pesquisas no que concerne à crítica literária, ao estudo de gênero, aos aspectos da história e, sobretudo, à história da educação. Em 2003, o diário foi adaptado para o cinema.

A autora iniciou suas anotações fazendo um retorno à sua descendência. Ela trouxe relatos de um período de sua vida em que a família vivia na cidade de Diamantina. De acordo com Oliveira e Pinheiro (2014), a escrita do diário seria uma sugestão do pai e uma exigência do professor de português da Escola Normal como atividade de prática escrita. A orientação do docente apareceu na nota à primeira edição que abre o livro. Segundo a autora, o professor sugeriu à turma uma produção escrita livre, isto é, à escolha de cada normalista. Todavia, elas deveriam considerar o gênero carta ou narrativas de qualquer natureza. Morley preferiu relatar acontecimentos a sua volta, envolvendo a família. Ao publicar o livro todos os nomes foram substituídos por pseudônimos a fim de preservar o anonimato e as pessoas conhecidas retratadas nos relatos.

Em suas edições iniciais, a autoria da obra não foi divulgada. A primeira tiragem foi pequena, restrita para conhecidos e familiares. De acordo com Brito (2011), a publicação chamou a atenção do público e da crítica literária e, a partir da quarta e quinta edições, em 1958, os jornais deram destaques para a autora, que, a princípio, não tinha a intenção de publicar o diário, mas foi incentivada pela família. Os relatos passaram por uma curadoria, para fazer a seleção das passagens, conforme registrou Brito (2011, p. 41, grifo nosso):

Teve ajuda de **seu marido que selecionou** o material, **deixando de lado muitos acontecimentos que desagradariam** a toda cidade de Diamantina”. Helena Morley também explicou que acreditava que, depois da publicação da primeira edição no Brasil, tudo estaria acabado.

Morley continuou a escrever diários durante toda sua vida, porém sem publicar os manuscritos. Quanto à seleção de passagens permitidas para a publicação, percebemos, nesse ato, a preocupação com o público que viria a ter acesso à obra, no que se refere à reputação da autora e de sua família. Segundo Oliveira e Pinheiro (2014, p. 5104), além das situações de intimidade familiar o diário de Helena Morley também apresenta informações acerca da comunidade:

O diário de Helen Morley é também um **artefato informacional de cultura e memória da cidade de Diamantina** no final do século XIX. Através da escrita percebe-se um inventário do passado, com reminiscências pertencentes a uma **herança social e coletiva do tempo e lugar**.

Ao registrar os fragmentos de sua percepção, seus sentimentos, suas vivências cotidianas e individuais, Morley trouxe à tona suas experiências no coletivo. Simultaneamente, a autora registrou, junto aos fatos, expectativas de pessoas de sua convivência, em sua maioria adultos, com relação a seu comportamento. Manifestou sua opinião a respeito disso, conforme podemos observar no fragmento abaixo (2016, p. 51):

Eu podia gostar muito mais da vinda de meu pai a Diamantina do que eu gosto. Ele vem todo sábado e volta segunda-feira. Os dias que ele passa em casa são tristes para nós e alegres para mamãe. A segunda-feira é alegre para nós e triste para

2 A obra é tida como um clássico nacional e “já teve traduções para o francês e o inglês, esta última feita pela poeta americana Elisabeth Bishop” (Morley, 2016, p. 325). Além disso, possui uma adaptação para filme, lançado no início do atual milênio, dirigido por Helena Solberg, o qual venceu e teve indicações para diversos prêmios nacionais.

mamãe. **Haverá na vida suplício maior do que este** que temos que aguentar todos os sábados e domingos? Temos de ficar sentadas à mesa uma hora inteira, ouvindo os casos de meu pai. Já ouvimos todos mais de vinte vezes. E quando ele está contando e Luisinha olha para mim e rimos, **já vem descompostura: “Insuportáveis! Sirigaitas!”**. De todos o mais engraçado, a primeira vez, é o caso de Seu Laje. Mesmo esse, **eu desejo ser surda** quando meu pai começa a contar.

Pelo excerto, identificamos que havia um comportamento a ser esperado tanto de Helena quanto de sua irmã. Elas, assim como as pessoas adultas, deveriam se sentar à mesa e partilhar as sociabilidades impostas. Ao que parece, as duas meninas viam com enfado as exigências dos adultos da casa. Imaginamos que, no momento das cobranças, broncas, castigos, repreensões e ameaças, Morley poderia se recolher, ser silenciada. No entanto, não é o que acontecia, pois ela reagia por meio da escrita. Era no diário que ela encontrava espaço para se manifestar.

A relação de Morley com a escola foi outro aspecto evidenciado no diário, como veremos no trecho a seguir (2016, p. 197):

Hoje voltei à casa de minhas tias e tia Madge disse: “Padre Neves outro dia, depois que você saiu, lhe fez tanto elogio que eu fiquei contente. Ele disse que você é uma das meninas mais simples, melhores e mais inteligentes com que ele tem lidado. Você deve ficar satisfeita de uma pessoa como ele falar assim e deve continuar dando a todos a mesma impressão”. Eu respondi: “Impossível, tia Madge. É muito diferente a gente deixar de lidar com os santos e entrar no inferno para lidar com os capetas. **Na escola** a gente tem que ficar ruim e viver horrorizada com tanta ruindade. Eu vou sair uma demônia, bem contra a minha vontade”. Tia Madge disse: “Eu entrei para lá velha e você é criança; é muito diferente. Mas não fique misturada com as ruins”.

No recorte acima, percebemos as críticas da autora às situações vividas na escola. Para Helena, a convivência nessa instituição não era tão amigável e, por isso, ela deveria “ficar ruim e viver horrorizada com tanta ruindade”. Tia Madge tentava reforçar o que considerava positivo na escola e a exortava a se afastar do que entendia como ruim. Outro aspecto observado nos registros é a importância das figuras femininas na vida de Helena: a avó, a mãe, as tias, mulheres com quem ela convivia e tinha um vínculo afetivo. A primeira, Carolina, a matriarca da família, era uma figura de alento, de quem Morley sempre recebia carinho. A mãe é retratada como uma mulher atarefada, sempre ocupada com afazeres domésticos, cuidando de atender os filhos e, principalmente, o marido que vivia indo e vindo do garimpo para a cidade.

Entre as tias e madrinhas, destaca-se a figura da tia Madge, uma pessoa que indicava à menina leituras de variados assuntos e a orientava com práticas de bom comportamento. As mulheres são figuras de poder e decisão nos relatos de Helena. Algumas, como a mãe, submissas aos maridos, subjugadas às condições do contexto social da época. Todavia, apesar disso, é perceptível características de uma família matriarcal, em que as mulheres ocupam centralidade na organização cotidiana relatada no diário.

Por fim, também observamos, em diferentes passagens, a relação da autora com a religião. Tal qual os relatos de Anna Joaquina, Helena Morley registrou em sua escrita episódios de confissão, as visitas do padre e os medos relacionados à religião, ao pecado e às histórias moralistas que escutava. O elemento religioso se faz presente nesse contexto.

De acordo com Brito (2011, p. 67), outro importante aspecto a se considerar no diário de Helena Morley é a constância dos registros, característica própria da estrutura narrativa:

Um diário é um texto escrito todos os dias, ou pelo menos quase todos os dias. Há os que escrevem com uma disciplina religiosa, sem faltar um dia. Há, também, aqueles que geralmente se desculpem pela ausência justificada e contam

os eventos de alguns dias passados. E outros que vão se acostumando, ou se acomodando, a serem menos frequentes, sem tantas culpas, quase como um jeito de ser e fazer. **As falhas podem chegar a dias, semanas, meses e até anos**, quando se interrompe a escrita e se retoma no futuro. Há pessoas que começam a escrever um diário várias vezes sem conseguir levá-lo adiante. Uma entrada é sempre convite para outra e outra, sucessivamente; o fim pode ser uma escolha variada, um ato programado desde o início, nunca ter sido pensado, ou ocasionado pela morte inesperada.

Mesmo nas ausências e falhas, os registros apontam sempre para uma reflexão acerca do presente, expressando medos, ansiedades, críticas e outros sentimentos que, possivelmente, no cotidiano seriam reprimidos. Talvez a maior riqueza do diário diz respeito à ideia de privacidade, da segurança de que ninguém acessaria o que foi escrito. Sigilo quebrado quando se toma a iniciativa de publicar o texto. Isso, gerou a necessidade de se editar o material, selecionar trechos que não comprometessem as normas moralistas da família e da própria Helena, pois, conforme registrou Brito (2011, p. 72), há uma preocupação de como isso pode repercutir:

Em primeiro lugar, implica **transformar o texto escrito em um livro** que terá, na figura do editor, uma intenção e, na perspectiva de um público, a preocupação de **que a obra seja de interesse para o leitor** e que possa **ser lida**, no sentido de ser **compreendida**. A publicação tem, assim, um caráter todo dirigido ao público leitor, o que, de certa forma, parece distanciar o diário do livro, na medida em que o diarista não escreve para esse público.

Nesse caso, há de se considerar as limitações dessa fonte. Não se sabe o que teria sido omitido ou editado no processo de publicação, ainda mais considerando que outros, além da autora, estariam interessados e, por isso, interferiram no processo, como o esposo ou o editor. Ainda assim, mesmo com os recortes feitos, percebemos alguns marcos de crítica, de impulsividade que seriam únicos/próprios da autora. Embora com todas as modificações feitas, essas particularidades ainda representam a originalidade do processo de escrita.

Vivências femininas anotadas nos tempos da história: memórias e diários

Como foi possível observar, o diário é um gênero textual de caráter memorialístico que carece de interpretação, podendo ser manipulado tanto por quem faz o registro, pela seletividade da memória, como já apontamos nesse texto, quanto por quem se encarrega da sua publicação. Esses aspectos potencializam e também limitam a fonte, que não pode ser tomada como uma verdade absoluta. Por isso, é preciso ter cautela ao se analisar o passado, buscando compreendê-lo com suas lacunas, limites e complexidades específicas de seu tempo.

Ao guardar o passado por meio dos registros dos diários, anotações, cartas e tantos outros tipos de documentos, eleva-se ao presente uma voz testemunhal dos acontecimentos como afirma Mignot e Cunha (2006, p. 41):

Guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo. Papéis escritos tidos como “ordinários” tais como cartas, diários, autobiografias, dedicatórias, cadernos de receitas, cartões de felicitações e cartões-postais, até então escondidos dentro de gavetas, armários e caixinhas.

Esses registros de acordo com as autoras preservam histórias individuais e coletivas, carregam marcos acerca da escolarização que possibilitam diferentes interpretações dos espaços e formas de educar. Dessa forma, no que diz respeito ao uso dos diários como fonte de relato para a história da educação, esses documentos podem apresentar dados acerca do contexto educacional em diferentes perspectivas. Os relatos de Anna Joaquina, contemplam os espaços informais de educação, as relações sociais, religiosas e litúrgicas da vida cotidiana de professoras e suas famílias e amigos, são aspectos que não se fazem presentes em outras fontes do período. Um educar que não se realiza no ambiente institucionalizado, mas que se constrói nos envolvimento do cotidiano, nas trocas de saberes, nas tradições sociais e religiosas que caracterizam a sociedade goiana do período.

Em contrapartida, os registros de Helena Morley (2016, p. 141) apresentam a educação escolarizada, rodeada com as experiências de educação familiar e vida social. Dando espaço para que a autora manifeste suas inquietações e preocupações acerca do mundo a sua volta conforme observa-se no texto abaixo:

Todas as alunas da Escola já estão com o uniforme de fazenda azul. Algumas demoraram a fazer mas todas já fizeram. Foi a melhor invenção que eu já vi até hoje. Era muito difícil para nós termos sempre vestido pronto para a Escola; umas andavam bem-vestidas, mostrando sua riqueza e outras sua pobreza. Agora estamos todas iguais graças a Deus.

Observa-se que a vivência escolar não se separa do cotidiano de Morley, que divide suas atividades domésticas com as atividades escolares, registrando e habitando os dois mundos dentro e fora da escola.

De modo geral, os dois textos apresentam diferenças e aproximações. Ambos são narrativas de um tempo histórico próximo: a passagem do século XIX para o XX. Período de mudanças na sociedade brasileira, transição do Império para a República, contextos que movimentaram a economia, a vida social e a cultura brasileira. As duas escritas retratam vivências femininas e, ainda que seja em um período temporal próximo, no recorte regional isso não se repete. A vida na Cidade de Goiás, mesmo sendo a capital do estado à época, era diferente da vida em Diamantina, interior de Minas Gerais. Isso reforça a ideia de que a história acontece de modos diferentes de acordo com as especificidades da localidade, ainda que no mesmo ciclo temporal.

Os textos se diferem também quanto à forma de acesso aos relatos. O *Memorial* de Anna Joaquina está disponível para quem se interessa em pesquisar a temática da sociedade goiana no fim do século XIX. Dada a limitação de acesso a essa fonte, que está integralmente à disposição no IPEHBC, supomos que ela não tenha sido modificada. No entanto, o livro *Minha Vida de Menina*, como registrado, está à disposição nas bibliotecas e livrarias do país. Foi publicado em diferentes edições, adotado como sugestão literária em escolas e outros contextos, possibilitando acesso a mais pessoas e, conseqüentemente, o desenvolvimento de mais pesquisas.

Em relação à escrita de Helena Morley, é possível afirmar que, ao transformar o registro em um livro publicado, perdeu-se a preservação do sigilo inerente ao diário. Por ser um texto pessoal, o diário preserva a intimidade de quem o escreve. Ao ser publicado, há uma preocupação de como o texto será recebido e como seus relatos podem infligir marcas a reputação da família de quem o escreveu.

Há de se considerar que, ao transpor o manuscrito para o livro, perde-se marcas autorais como rabiscos, desenhos, formas de registro que somente o original carrega. Toda fonte é produto de seu tempo histórico. As formas de registro e os suportes se alteram ao longo do tempo na medida em que os dispositivos, disponíveis para esse fim, modificam. Isso impacta a relação do leitor com o texto. Conforme Mignot e Cunha (2006, p. 41) demonstraram:

Os suportes e utensílios da escrita se modificaram. Os mais antigos são detalhados, manuscritos e em cadernos grampeados e pautados, com exercícios mimeografados colados e, muitos deles, repletos de decalques e recortes de flores, crianças, bichinhos e paisagens.

Os desenhos e floreios são observados no memorial de Anna Joaquina pela conservação de seu estado original. Talvez no manuscrito de Helena Morley houvesse outros vestígios, mas isso fica a cargo da imaginação. Apesar das diferenças, os textos retratam um período histórico próximo que nos permite questionar acerca dos hábitos dessas jovens mulheres, do comportamento desejado pela sociedade, da educação e das relações que elas estabeleciam com o mundo que as cercavam, dos movimentos vividos na religião, na política, na economia, etc. Segundo Lajolo (2001), essas narrativas são capazes de dar voz à infância, a qual geralmente é negada a possibilidade de fala, mesmo diante das contradições de concepção dessa etapa da vida.

O diário, fonte de registros da infância, adolescência e juventude, diferencia-se ao apresentar a narrativa em primeira pessoa a partir do olhar de quem o escreve, independentemente da idade. Enquanto muitos registros memorialísticos são escritos pelo olhar dos adultos, que rememoram seus anos de juventude, o diário tem uma proximidade de expressão narrativa, sendo escrito em tempos próximos aos acontecimentos. Seus registros oferecem forte caráter cultural e, geralmente, sua escrita é motivada por adultos da família ou por mediação escolar, como no caso de Helena Morley. Esse tipo de produção é fruto de uma inclinação pessoal ou, como se vê em *Minha vida de menina*, uma atividade escolar que adentra o cotidiano, possibilitando compreender aspectos de educação formal e informal para além dos decretos e documentos oficiais.

Há de se considerar outra diferença fundamental entre as fontes observadas: enquanto o diário de Helena Morley foi escrito ao longo do tempo da vida, atualmente denominado como adolescência, o de Anna Joaquina demonstra relatos de uma jovem mulher que não se casou e de sua vida social.

De acordo com Chartier (1991), ao analisar uma obra é preciso considerar o autor e seu contexto, mas também a comunidade leitora e como estes se relacionam com o texto. Os códigos culturais podem ser manuseados tanto por quem lê quanto por quem edita e isso precisa ser considerado, pois a realidade é produzida a partir desses códigos. Um elemento comum nos dois diários é a vida religiosa.

Enquanto para Anna Joaquina a religião era um espaço educativo que demandava conhecimento e domínio da liturgia, um lugar de educar para as imposições morais do cristianismo. Para Helena Morley, a religião era um complemento à formação da escola. O padre aparece como uma figura de autoridade, cuja opinião tinha peso. Os ritos religiosos se faziam presentes nos momentos de interação com outras famílias da sociedade e eram interpretados ora com medo mortal, ora com desdém. Embora usando a religião para se beneficiar, a menina também demonstrava medo das lições do pecado, instrumentos de cobrança e vigilância.

A escola como espaço educativo fica mais evidente em *Minha vida de Menina*. No diário, a autora relatou como eram os períodos na escola, a conclusão do curso normal e o que se fazia nos momentos sem aula. Esses elementos nos permitem acessar parte do cotidiano de Morley e compreender os lugares de educar. De acordo com Gouvea (2019, p. 6), no que diz respeito à educação das mulheres:

Observa-se no Brasil, especialmente na segunda metade do século XIX, a **ampliação das práticas de leitura e escrita por mulheres**, com a produção de revistas e jornais escritos ou destinados ao público feminino, alguns defendendo maior participação feminina. Destaca-se também a **emergência de escritoras** que alcançam sucesso no crescente mercado editorial. É neste contexto que emergem **os diários escritos por mulheres**, grande parte deles esquecidos ou ignorados.

Considerando o período em que os diários escolhidos se concentram, percebemos outro elemento acerca da educação no final do século XIX e início do século XX, qual seja: a preocupação com a instrução, especialmente em nível secundário. Os dois textos permitem entrever o pensamento juvenil, nesse caso, sob a ótica das mulheres. Acerca dessa questão, Gouvea (2019, p.4) fez a seguinte ponderação:

O século XIX destaca-se na construção de uma **visibilidade da juventude**. A **ampliação da educação secundária**

(especialmente na segunda metade do século) aumentou o período de dependência ao postergar a entrada no mercado de trabalho, principalmente nas camadas médias.

A produção dos diários por mulheres converge para um processo de interiorização, de reflexividade em torno de si. É um tipo de registro que tende a desaparecer após a consolidação da vida adulta. Nesse sentido, os diários se diferem. O *Memorial* mostra registros de uma jovem mulher, que inicia a escrita já adulta, conforme evidenciado. Já o diário de Helena Morley evidencia uma jovem adolescente (conceito que já existia no período, mas não era muito utilizado) com suas características que confrontam com a imagem de uma menina calada, pálida e submissa.

Del Priore (2007, p. 219) fez uma reflexão acerca da diferenciação entre os sexos, tema debatido em diversas áreas de estudos. A autora apontou que, aproximadamente, até por volta do século XVII, “[...] a razão das mulheres não lhe parecia lógica”, pois normalmente era associada à paixão e como não havia “controle” de seu sentimento, era considerada frágil. Após esse período, surgiram mudanças de percepção em relação a diferença entre os sexos, mantendo o modelo masculino como padrão, que “marginalizava as mulheres, estigmatizando sua dependência e sua semelhança com a natureza”. A autora supracitada salientou que, a partir do século XX, as mulheres passaram a ser compreendidas pelas suas diferenças, devido a mudanças no paradigma do pensamento histórico, influenciado pelas alterações culturais, políticas e econômicas.

Em relação ao Brasil, Del Priore (2007, p. 226) fez uma denúncia a respeito de estudos sobre mulheres, compreendendo que: “[...] mesmo quando elogiada pela crítica acadêmica, não é abrangente”. No entanto, nota-se, diante de outras pesquisas sobre o tema, que estudos sobre gênero vêm conquistando espaço dentro das universidades brasileiras. Em relação a isso, Del Priore (2007, p. 226, grifo nosso) apontou que:

A exploração de **fontes documentais e arquivos**, que até então não suscitavam maior interesse, foi fundamental para o **desabrochar de uma história da mulher no Brasil**. Na esteira dos demógrafos historiadores e dos historiadores da família, os arquivos passaram a ser visitados e seus documentos compulsados no sentido de deles extrair alguma luz sobre a história dos grupos subalternos. **As mulheres são encontradas “nas margens”** junto com outros grupos, como os escravos, os índios, os judeus e críticos-novos, os e as homossexuais. São mortas e mortos que falam, contando sobre a violência ou a humilhação que sofreram, sobre os prazeres que tiveram. Essas vidas corriqueiras, absolutamente ordinárias, capturadas nos arquivos de polícia ou eclesiástico permitem, de fato, auscultar as vozes femininas, mas não nos enganemos, elas são ouvidas à luz de constrangimentos impostos pelas práticas de poder que orientam tal e qual interrogatório. A partir de **restos de discurso, de fragmentos de vidas** é que o historiador consegue, então, **perceber** as formas de racionalidade que modelavam as práticas e as atividades, as relações sociais, as relações entre mulheres e homens.

A partir do exposto, é possível constatar a importância dos diários pessoais como fonte de visitar a memória. As mulheres estão presentes na construção dos fatos históricos, todavia, ainda são ofuscadas pelas narrativas que ainda retratam os homens de forma imponente e heroica. Um exemplo da predominância masculina nos relatos históricos pode ser observado na pesquisa realizada por Valdez e Alves (2019). As autoras evidenciaram um predomínio de homens nos verbetes de dicionários publicados nos séculos XX e XXI.

Ao analisarem dicionários e obras clássicas da história da educação, Valdez e Alves (2019, p. 4, grifo nosso) destacaram que “[...] parece que, na história do mundo científico, literário e artístico, enfim, em tempos distantes e próximos, **não existem mulheres ‘prestantes’ para ocupar lugares nas páginas dos ilustres na história da educação**”. Isso demonstra a importância que os diários, principalmente aqueles escritos por mulheres, têm para a história.

Observando os diários de Anna Joaquina e de Helena Morley, é possível apreender que esse tipo de material permite revisitar uma realidade com as lentes de quem viveu o momento, principalmente os relatos de Anna Joaquina que não foram publicados. Ter acesso a uma fonte com características preservadas, é fundamental para os registros históricos, para a reconstrução das narrativas, para a fundamentação de novas pesquisas. Esse tipo de fonte, além de manter a autenticidade, conserva a memória de pessoas que foram invisibilizadas. Isso implica também a necessidade do cuidado em relação a esse material, visando a uma boa conservação e divulgação.

Considerações finais

Ao chegarmos às considerações finais, é importante registrar que as evidências observadas nessas breves impressões não esgotam o tema, ficam abertas a outros questionamentos, podendo, inclusive, ser utilizadas como ponto de partida para outros estudos e investigações. Considerando que os diários são fontes relevantes para a pesquisa e para a escrita da história, apresentamos algumas conclusões acerca da temática analisada.

O foco do presente trabalho foi o uso dos diários como fonte para a história da educação. Essas produções não podem ser deslocadas de seu contexto sob o risco de se cometer anacronismos. Esse tipo de fonte precisa ser considerado diante das inúmeras possibilidades de manipulação dos registros. Ao analisar os diários, percebemos que é possível reconstruir perspectivas referentes a um contexto histórico e também questionar sobre a dificuldade de encontrar material historiográfico dos grupos invisibilizados na história, como as mulheres das fontes selecionadas. Por meio da escrita, as duas autoras dos diários puderam contar sua própria história.

Dito isso, os relatos de Anna Joaquina e Helena Morley permitem que pesquisadores(as) retornem a esses diários para investigar diferentes temas, como a educação formal/informal, as relações familiares, amorosas, sociais, religiosas, etc. Os diários são relatos íntimos de uma pessoa, que além de fonte de pesquisa, possibilitam eternizar momentos que nem mesmo a memória é capaz de preservar ao longo do tempo.

Os diários estudados apontam para a formação feminina tanto nos espaços formais, institucionais, quanto nos informais. Nos relatos de Anna Joaquina predominam os espaços informais de educação. Nos de Helena, destacam-se as normas impostas tanto pela educação familiar quanto pela institucional. A educação familiar é travada na disputa entre catolicismo e protestantismo, a cultura local e a britânica de ascendência paterna. Esse processo evidencia que a formação é um espaço de disputa em seus múltiplos aspectos. Os relatos de Morley sobre a escola mostram a vivência no Curso Normal, que preparava as meninas para o exercício do magistério na escola pública, possibilitando vislumbrar elementos do cotidiano.

Ambos relatos contemplam a convivência com outras mulheres, evidenciam a circulação do feminino no ambiente religioso e expõem os ritos sociais entre amigas e familiares, trazendo à tona os aspectos normativos que se impunham no cotidiano. Identificamos como pontos de similaridade nos dois diários a ênfase na religião e nos códigos sociais como formas de educar a mulher, segundo os ditames patriarcais. Além disso, os diários em questão retratam um universo feminino complexo, ativo socialmente, inserido num ambiente de pessoas letradas que escrevem para si e para outros. São elementos que possibilitam vislumbrar além dos discursos, registrados nos diários, as experiências sociais possíveis às mulheres conforme sua idade e localidade.

As fontes escolhidas enfatizam o cotidiano e as percepções por meio de lentes femininas, muitas vezes silenciadas no âmbito oficial da história. Os relatos dão visibilidade à história de vida de Anna Joaquina e de Helena Morley e permitem, em sua amostragem, tecer similaridades a outras mulheres do mesmo contexto histórico. Em seus registros, observamos como cada autora construiu sua identidade feminina, o que era permitido ou não, seu papel na família e em sua comunidade.

É legítimo afirmar que, historicamente, houve tentativas de ofuscar as escritas, descobertas e resistências femininas. Ao pensar na questão de gênero, é importante reconhecer que Anna Joaquina e Helena Morley foram consideradas pessoas privilegiadas. Ambas, mulheres brancas, tiveram contato, desde cedo, com a cultura letrada, conquista de poucos, dado que o acesso à leitura e escrita naquele contexto não era uma possibilidade para tantas outras mulheres, como

as negras ou as indígenas. As duas escritoras tiveram a oportunidade de narrar, por meio de suas próprias palavras, seus sentimentos e perspectivas, o que nos permitiu confrontar argumentos generalizantes na história e discutir a educação e socialização de mulheres letradas na virada do século.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998.

BRAUDEL, Fernand. As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. In: **Civilização material, economia e capitalismo**. Séculos XV-XVII. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 11-18; p. 254-280; p. 303-305, Vol.1.

BRITO, Ingrid Zacarelli. **Cadernos íntimos diários publicados**: um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas. 2011. 89 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biotecnologia de Rio Claro, 2011.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARVALHO, Euzébio Fernandes de. **O rosário de Aninha**: os sentidos da devoção rosarina na escritura de Anna Joaquina Marques (Cidade de Goiás, 1881 – 1930). Goiânia: UFG, 2008. 282 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

CARVALHO, Euzébio Fernandes de. Luisa Joaquina da Silva Marques (Mestra Lili, 1858-1945). In: VALDEZ, Diane (Org.). **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás**: séculos XVIII - XXI. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017, p. 382-392.

CERTEAU, Michel de. Teoria e Método das Práticas Cotidianas. In: SZMRECSANYI, Maria Irene de Q. F. (Org. Editoria, Trad.) **Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Coordenadoria de Atividades Culturais da Universidade de São Paulo, 4 e 5 de agosto de 1982.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**. v. 11, n. 5, 1991.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia Brasileira em Perspectiva** (Org.). São Paulo: Contexto, 2007, p.217-235.

FOUCAULT, Michel. História e Descontinuidade. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). **Teoria da História**. São Paulo: Cultrix, 1976.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Fontes para escrita da história da juventude feminina: diálogos entre diários de Helena Morley e Bernardina Constant. In: **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 30. 2019, p. 1-28.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.) **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Ed.: Bragança Paulista/SP: Universidade São Francisco, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, n. 27, p. 35-46, jul. 1998.

MARQUES, Anna Joaquina da Silva. **Memorial de lembrança**. Cidade de Goiás, 1881-1930. Vários cadernos. Manuscrito. Fundo Cônego Trindade. IPEHBC/UCG.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. *In: Revista Educação em Questão*. EDUFRN. Natal - RN, v. 25, n. 11, jan./abr. 2006.

MORLEY, Helena. **Minha Vida de Menina**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NÓVOA, António. **História da educação**: Percursos de uma disciplina. Análise Psicológica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 4 (XIV), 1996.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira; PINHEIRO, Mariza de Oliveira. O Diário de Helena Morley como artefato Informacional e o lugar Epistêmico de Memórias. *In: XV ENANCIB*, (Encontro), 2014.

REIS, Danielli da Silva Borges. **Práticas de escrita e de arquivamento**: o Memorial de Anna Joaquina Marques (Cidade de Goiás, 1881-1930). 2013.278. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013. xv, 278 f.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura como trauma. Cap. 11. Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. *In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2003, p. 45-58, p. 387-413, p. 422-423, p. 458-464.

VALDEZ, Diane; ALVES, Miriam Fábria. Espaços de educar: biografias femininas e ensino de história da educação. (2019). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. 1-20, 2019.

Recebido em 28 de novembro de 2023
Aceito em 29 de janeiro de 2024